

Pescom "vendida" a preço

Por Paulo Machava

A Pescom morreu. O seu património avaliado em cerca de 20 biliões de meticals, segundo o inventário de 31 de Dezembro de 1993, passou para a sociedade Frigopesca, cujo capital social é de apenas 500 milhões.

Em consequência dessa situação, 135 trabalhadores dos 513 que a empresa

possuía em Maputo são dados como "excedentários". Mas ainda há mais "a contar estradas" porque a empresa na globalidade tinha mais de 2 mil trabalhadores e a maior parte não foi integrada na nova sociedade.

Na Frigopesca participam mais quatro empresas, nomeadamente Emopesca, Afropesca, Juma e Conserveira do Índico,

e a Pescom aparece como accionista maioritária da nova sociedade com uma quota de 200 milhões de meticals, teoricamente, correspondente à totalidade do seu património de quatro províncias.

O SAVANA apurou que os trabalhadores excedentários continuam a ser pagos mensalmente mas não estão calmos devido à incerteza quanto ao "seu futuro".



Trabalhadores da pescom: Que futuro para eles?

Frigopesca e a linguagem dos trabalhadores

De acordo com a documentação em posse do SAVANA, a Pescom associou-se a estas três empresas e constituiu-se a empresa FRIGOPESCA.

A Pescom, reza o documento, por não possuir fundos para meios circulantes, participa nesta sociedade através dum parte dos seus meios básicos existentes em Maputo, Beira, Nampula e Zambézia cujo valor foi calculado numa quota de apenas 200 milhões de meticals.

A outra parte dos bens patrimoniais das delegações de Cabo Delgado, Tete,

Manica, Inhambane e todas as infra-estruturas, fora do Entrepósito Frigorífico de Maputo, continua com a Pescom enquadrada no grupo Emopesca, conforme o despacho do dia 30 de Março de 1993, da Secretaria de Estado das Pescas.

Este conjunto de factores que põe os trabalhadores não integrados na Frigopesca incrédulos e inquietos levando-os a exigir, por um lado, a explicação quanto ao processo de privatização e, por outro, do seu futuro porque se sentem inseguros e indefinidos.

Um documento em nossa posse que, aparentemente, devia mantê-los sossegados, indica que os trabalhadores não integrados na Frigopesca

O sindicalista é quem o diz:

Secretário de Estado das Pescas é "mal olhado"

Na entrevista sobre a problemática da formação da Frigopesca, mantida com o secretário do Comité Sindical, Sancho Guambé, procuramos saber qual terá sido o papel do Secretário de Estado das Pescas.

A resposta do sindicalista:

"Numa reunião do colectivo do primeiro nível onde a Pescom participou com todo o leque de estruturas juntamente com o secretário de Estado das Pescas, este, quando um dos elementos questionou quem era esse senhor Da Costa que assumia a "liderança" da Frigopesca em todos os sentidos, o secretário de Estado das Pescas em resposta limitou-se a dizer que "eu vim a esta reunião para dar ordens e não para vir prestar contas e, vocês devem é cumprir". Esta posição do secretário de Estado das Pescas criou um mal estar no pessoal mas não se podia fazer outra coisa senão, exactamente, cumprir as ordens e calar".

O sindicalista prossegue dizendo "eu só estive em dois encontros para este nível colectivo de discussão sobre a Pescom e Frigopesca, de resto, não me incluíram mais, talvez, por acharem que estaria a estrourar o "negócio" estava em montagem". O secretário de estado, nesses encontros em que esteve presente, e mesmo nos outros nunca se preocupou em saber ou fazer alusão sobre a força de trabalho, nem perguntar ao Comité Sindical o que é que achava. Ignorou-o pura e simplesmente. As pessoas hoje desabafam porque já vêem que há algo a correr fora dos canis". ■

Micaela reage:

"Não privatizamos a Pescom"

A Directora-Geral da Pescom EE e da Frigopesca, Micaela Feliciano, reagindo às acusações que lhe foram dirigidas pelos trabalhadores afirmou que "não privatizamos a Pescom, o que nós estamos a fazer neste momento é reestruturá-la para a adequar a melhores condições tendo em conta a situação de economia de mercado em curso no país. Por isso, associámo-nos a um grupo de agentes económicos nacionais e estrangeiros, e com os quais somos os accionistas maioritários com 40 por cento do capital social. Mas também digo que a Pescom nunca mais aparecerá sozinha".

Defendendo-se ainda disso, "esta decisão não foi invenção da direcção-geral mas sim da assembleia geral da Pescom que aconteceu há 2 anos na cidade da Beira".

Micaela Feliciano, reconheceu que "electivamente, na reunião da Beira, uma das recomendações apontava que para a melhor maneira de resolver os problemas actuais da empresa, eventualmente, seria a privatização da empresa. Por acaso até nem é essa via que seguimos a seguir agora".

Argumentando: "Estávamos numa grande crise financeira, endividados, e a melhor forma para se sair da crise foi associámo-nos a empresários nacionais e estrangeiros que tivessem maior capacidade financeira para continuarmos a levar à frente o projecto de abastecimento interno em produtos congelados".

Instada a responder se eventualmente, com essa sociedade estariam já solucionados os problemas da empresa, a nossa entrevistada, de forma "rija" embora deixando transparecer um nervosismo inconfundível afirmou que "ainda não o conseguimos, estamos a caminho disso. Esta associação começou este ano. Podemos dizer que ainda estamos na fase embrionária dos projectos. Tem de se entender que estamos a levar isto por fases. Então, há que entender que esta etapa é de implantação da Frigopesca, nas províncias de Maputo, Beira, Nampula e Zambézia".

A directora-geral da Pescom respondendo à preocupação dos trabalhadores que se encontram em situação "excedentária" neste projecto afirmou que "não há excedentários mas trabalhadores que aguardam o desenvolvimento e resultado das soluções que vamos tendo neste processo. O que se passa é que neste momento não estamos em condições de dizer que fulano e fulano são excedentários. É verdade que esses trabalhadores não tiveram enquadramento na Frigopesca, mas alguns poderão ser chamados consoante as necessidades. Como eu disse, este não é um processo acabado



Micaela Feliciano

e, não irá acabar este ano".

...E até lá os trabalhadores vão vivendo na incerteza. Referimos.

"Sim. Até termos a clareza. Porque a política base é rentabilizar a Pescom na base das suas infra-estruturas porque o que ela tem são problemas financeiros, mas em termos de infra-estruturas é capaz. Foi nessa perspectiva e conhecimento que associámo-nos aos agentes económicos e dependendo das condições específicas de cada região, iremos estudar as melhores formas de incorporar a Pescom no projecto de rentabilização. Digo, portanto, na nova filosofia a Pescom será partida em blocos e aparecerá sempre adjudicada a outros parceiros económicos. É prematuro, por isso mesmo, dizer que há trabalhadores excedentários. Contudo, também digo que não vou ter emprego para toda a gente, da mesma maneira que digo que a Pescom jamais voltará a ser aquilo que era. Vamos sempre que possível associámo-nos a agentes económicos capazes". ■

de chave de uma flat

Eles afirmam que gostariam que a direcção lhes explicasse qual será o seu futuro, pois "há 5 meses permanecemos numa situação indefinida".

O dilema dos trabalhadores começou em 1991, altura em que se dá a empresa como técnica e financeiramente falida, e agrava-se na quinta reunião nacional realizada na cidade da Beira, em Março de 1993, quando,

após a constatação da débil situação económico-financeira da empresa, corolário da rentabilidade negativa, foi proposta a criação de mecanismos para a sua privatização.

No mesmo ano de 1993, o Conselho de Ministros decidiu pela privatização — Decreto 3/93, de 21 de Abril.

Um documento em nossa posse revela

que a Pescom foi orientada pela Secretaria de Estado das Pescas, instituição na qual se encontra integrada, em conformidade com o Decreto 2/94, de 11 de Janeiro, a entabular o processo de negociação com as empresas Emopesca, Atropesca e Juma, com o objectivo de reactivar a comercialização do pescado a nível nacional.

manterão todas as regalias e direitos na Pescom enquadrada na Emopesca.

Numa outra fase, prossegue o documento, determinar-se-ão o número de trabalhadores "excedentários" necessários para as actividades que serão asseguradas pela Pescom e, por último, determinar-se-á o número a ser dispensado definitivamente.

Não obstante constar, em documentos e na carta de garantias, produto de um consenso entre as partes envolvidas, nomeadamente trabalhadores, Comité Sindical e Direcção-Geral, as tais regalias e direitos, segundo os trabalhadores, para serem reconhecidos foi necessário o Comité Sindical transformar-se em "teste-de-ferro" para a sua exigência, pois estavam sendo ignorados.

Os trabalhadores contactados pelo SAVANA levantaram outros problemas tais como o não pagamento da indemnização aos que estão por fora da Frigopesca, a existência do leque salarial diferente entre os "excedentários" e outros da sociedade enquanto o pagador é o mesmo.

A integração de todo o património da Pescom (instalações, viaturas, sistema de frio, televisor industrial, etc.) de 4 províncias, na Frigopesca, numa acção equivalente a apenas 200 milhões de meticals.

Revelaram, também, que só a reabilitação feita



Peixe era o monopólio da Pescom

recentemente a uma ala de frigoríficos custou cerca de 13 bilhões de meticals, dinheiro resultante de um crédito feito ao tesouro no montante de 3 milhões de dólares equivalente a cerca de 19,5 bilhões de meticals.

Questionaram,

igualmente, o constante adiamento que quase se transforma em recusa de assinatura do acordo colectivo do trabalho já elaborado pela Direcção Geral da Pescom. Eles consideram inexplicável a atitude de se alugarem instalações para o

funcionamento da Pescom originada pela sua transferência para a baixa da cidade, depois de ter cedido as suas instalações à Frigopesca.

Os trabalhadores manifestam preocupação

pelo facto de se ter marginalizado o Comité Sindical neste processo. Para finalizar, uma pergunta relacionada com o silêncio da Secretaria de Estado das Pescas naquilo que eles consideram de "existência de irregularidades na integração da Pescom na sociedade, e que deve haver algo escondido por detrás".

Documentação da Pescom destruída

Os trabalhadores contactados pelo SAVANA lamentaram o facto de a escritura da Pescom estar a ser destruída pelos novos patrões sem que alguém da direcção se preocupe com o tal procedimento chegando-se a deduzir que tal atitude dos responsáveis da empresa fosse premeditada, como forma de "limpar os rastros" de uma grande empresa que foi a Pescom.

No seu dizer, nos primeiros dias subsequentes à formação da sociedade, os novos sócios iniciaram a tomada das instalações quase que de assalto.

Micaela Feliciano, sempre

demonstrando nervosismo, ao fumar cigarros atrás de cigarros, limitou-se a lamentar dizendo que "infelizmente nunca ninguém se aproximou para me dar a conhecer essa situação, pelo que, estou a ficar preocupada".

Argumentando, ela apontou que talvez fosse o problema de se estar a fazer transferência de alguns meios da Pescom para a baixa da cidade já que é lá onde estará instalada a nova sede.

A directora da Pescom referiu ainda que "haverá sempre dificuldades porque mesmo lá na baixa não

de de

Inventário da empresa revela:

Pescom vale cerca de 20 biliões de meticals

Após a entrevista que nos foi concedida pela directora-geral da Pescom o que acumula simultaneamente as mesmas funções na Frigopesca, o SAVANA não andava nada satisfeito porque ela recusou-se a divulgar o valor do património da Pescom que foi vendido à nova sociedade.

Micaela Feliciano, rodeou o assunto dizendo que como a contabilidade se encontra atrasada (1987) não era possível fazê-lo.

Do novo confronto com a questão da quota da Pescom na sociedade, a directora-geral das duas empresas agachou-se na explicação de que "integrámos o património, mas com o andar do tempo iremos paulatinamente avaliar o seu custo e definitivamente assentar o valor da nossa acção".

Não ficámos satisfeitos. Avergüamos.

Um documento revelador de inventário da pescom em posse do SAVANA indica que o património básico vale cerca de 20 bilhões de meticals.

Eis o que diz o documento: "A estatística económica da

empresa até 31 de Dezembro de 1993, após a reavaliação do inventário físico do património indica que a empresa vale cerca de 20 bilhões de meticals".

Para dados contabilísticos fornecidos por uma fonte segura indicaram que a empresa tinha na altura da sua alienação 10 bilhões e 250 milhões de meticals.

O SAVANA, nas investigações sobre a vida da empresa" soube que recentemente a Pescom beneficiou de reabilitação das câmaras frigoríficas da ala central através de um donativo do governo dinamarquês que custou 3 milhões de dólares, o que corresponde à cerca de 19,6 bilhões de meticals.

São estes números que debatem todo o mundo, sobretudo, os trabalhadores, de boca aberta, a procurar o gato que acham que deve estar escondido, pois, hoje, a Pescom entrou numa sociedade com todo o seu património de algumas províncias numa módica quota de participação de 200 milhões de meticals. ■

de 48

haverá necessidade de grandes infra-estruturas, pois na nova filosofia, a Pescom nunca mais aparecerá a vender peixe".

Sobre o aluguer das instalações na balxa da cidade de Maputo, assunto que os trabalhadores consideram descabido pois as infra-estruturas existentes e que foram integradas na Frigopescaria eram mais que suficientes para a sua divisão

por todos.

A directora afirmou peremptoriamente que "não há nada que me impeça fazê-lo".

O salário dos trabalhadores constitui um dos pontos relevantes desta problemática da Pescom visto que, embora mensalmente com atraso ou não, haja garantia de um futuro sem sobressaltos para os trabalhadores.

Micaela Feliciano afirmou que "o importante é que eles

tenham o salário e isso estamos conseguindo. Agora, donde é que vem esse dinheiro, como o conseguimos não importa como também não é da responsabilidade deles. Isso é comigo".

A directora-geral das duas empresas Pescom e Frigopescaria terminou a entrevista reconhecendo que "as dúvidas dos trabalhadores podem ser fruto nalguns casos, da falta de informações e nalgumas

vezes da ausência de conhecimento do processo em causa. Mas nalguns casos poderão ser, exactamente, em não aceitar as transformações", concluiu.

Contabilistas declinam responsabilidade

O chefe do departamento de contabilidade da Pescom E.E., Alexandre Fumo, em carta endereçada à direcção

da empresa, datada de dia 11 de Agosto do corrente mês, declina toda a responsabilidade do movimento contabilístico da empresa, apontando que concorre para a sua atitude o facto de os novos sócios "ignoram as normas básicas que regem a escrituração da empresa e terem destruído na totalidade o arquivo de contabilidade da empresa".

Continuando na sua carta refere que "o signatário responsável pelo

departamento de contabilidade, conhecendo sobejamente as consequências que possam advir pela atitude tomada resultando a destruição do arquivo de contabilidade de uma empresa, livro-me da delicada responsabilidade pelo arquivo. Contudo, estou à disposição da empresa para qualquer tipo de trabalho que vise a sua recuperação", assim termina a carta.

O que dizer então disto? ■



O desespero do trabalhador